

VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E UNIVERSIDADE: promoção de saúde e desenvolvimento humano no combate à evasão

Línea 4. Práticas de integración universitaria para la reducción del abandono

Crislaine Luisa Araújo

crislaine.araujo@unifal-mg.edu.br

Brazil

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL

Cláudia Gomes

cq.unifal@gmail.com

Brazil

Universidade Federal de Alfenas

RESUMO: Com base nos postulados da Psicologia Histórico Cultural, mais precisamente, os estudos de Vygostky, este estudo, parte da premissa de que a Educação Superior, não contempla efetivamente o desenvolvimento afetivo e relacional dos acadêmicos, ao desconsiderar que os contextos universitários, são atravessados por demandas não só objetivas, mas fundamentalmente subjetivas para a constituição do desenvolvimento humano na vida adulta e visa analisar as demandas para a Psicologia Escolar para a promoção de saúde na universidade e combate à evasão. O relato de experiência se baseia no desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção, desenvolvida a partir dos postulados da Epistemologia Qualitativa e desenvolvida no interior de uma Universidade Federal Sul Mineira. Para tanto, foram convidados para participação da pesquisa, os discentes de graduação por meio de e-mail, e o público-alvo da pesquisa foi de doze discentes pertencentes aos cursos de Física Licenciatura, Letras Licenciatura, Biomedicina, Medicina, Odontologia, História, Ciências Biológicas, cursando entre o 1º e 8º períodos. A realização da pesquisa se deu por meio de grupos de discussão, onde foram realizados sete encontros semanais de discussões, ao longo do segundo semestre de 2018, com o objetivo de desvelamento das condições e constituições da vivência universitária. Diante dessa discussão, foi necessário como recurso metodológico para a realização das intervenções a utilização de diferentes materialidades mediadoras, dentre as quais se destacam, os poemas, fotos, figuras e pinturas que foram observadas, analisadas e debatidas de forma grupal e coletiva entre os acadêmicos. As intervenções objetivaram problematizar elementos de vivências acadêmicas que permeiam o desenvolvimento humano na vida adulta, analisando questões que

permeiam o sofrimento psíquico dos discentes na universidade. A partir da organização das informações construídas ao longo dos encontros, foi possível definir alguns indicadores de análise, dentre os quais destacam-se: representação acadêmica; vinculação estudo e vida; perspectivas profissionais. Estes indicadores foram objeto de discussão e análise no decorrer do trabalho. O relato de experiência indica um campo importante de atuação da Psicologia Escolar no contexto do Ensino Superior, na busca de construir esforços e estratégias adequadas para promoção de saúde e desenvolvimento discente, coma proposta de melhorar condições de permanência e redução da evasão. No entanto, evidenciamos que se faz necessária, a problematização de elementos institucionais, curriculares, e, sobretudo relacionais vivenciados pelos discentes e docentes para a realização de uma análise das questões que permeiam a educação superior frente à evidência do sofrimento psíquico do aluno e contribuem de forma direta ou indireta para a evasão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Humano. Vivências Acadêmicas, Subjetividade. Permanência e Evasão.

1 INTRODUÇÃO

O cenário da educação brasileira mudou muito na última década, com um crescimento considerável do sistema educacional. No tocante à Educação Superior houve a criação e expansão de novas instituições de Ensino Superior. O intuito dessa expansão é atender às mudanças relacionadas à globalização que exige a participação no mercado de forma ativa frente à complexidade concorrencial do mercado (CUNHA *et al.*, 2014).

Ainda de acordo com o autor, na primeira década do século XXI, a preocupação com a formação profissional de qualidade, com a demanda por profissionais de nível superior tem crescido muito. Sendo essa demanda, contrastada com a pequena oferta de vagas dos cursos superiores nas instituições públicas, tornando-se necessário que o governo federal, juntamente com seus governos estaduais e até alguns municipais a ampliação e implementação de programas de democratização do acesso ao Ensino Superior brasileiro.

A inserção no mercado de trabalho pelos jovens no mundo e especificamente no caso do Brasil, está diretamente relacionada aos anos dedicados à escola. Onde o desemprego, o subemprego e a informalidade do trabalho têm relação direta com a baixa escolaridade média, e ainda com a baixa qualidade da educação oferecida, observa-se que os jovens vêm apresentando deficiências educacionais sérias em contraponto às exigências atuais do mercado de trabalho. Outra questão agravante dessa questão, no que diz respeito à realidade brasileira, consiste no ciclo vicioso, onde os jovens são inseridos precocemente no mercado de trabalho, sendo provenientes principalmente de famílias mais pobres, o que traz como realidade baixa

escolarização, postos mais baixos, mal remunerados, e assim reproduz-se constantemente esta realidade (SANTOS; GIMENEZ, 2015).

As mais recentes políticas de ampliação do acesso ao ensino superior, datam do início dos anos 2000, abarcando programas e ações em busca da expansão universitária, por meio de ampliação do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), Programa Universidade para Todos (PROUNI), na rede privada de ensino superior; Programa de Apoio aos Planos de Restruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), destinado as universidades federais e criação de Institutos Federais de Ensino Superior (IFES), criação e manutenção dos Campi. Em 2012, foi ainda implementado o sistema de ingresso por meio de cotas sociais e raciais (SANTOS JÚNIOR; REAL, 2017).

Com relação às questões de acesso e permanência no ensino superior brasileiro, Oliveira (2016) pontua em seu trabalho sobre evasão no Ensino Superior, de que dados apontam que, no ano de 2013, a taxa de evasão nos cursos presenciais da rede privada no país, atingiu o percentual de 27,4%, enquanto que na rede pública esse percentual é de 17,8%. Nos cursos EAD, o problema é ainda mais acentuado chegando a 29,2% na rede privada e 25,6% na rede pública, sendo que na modalidade de EaD, a evasão supera os índices de 28%.

Todas essas mudanças no perfil estrutural da universidade trouxeram ainda mudanças nos perfis do público atendido por estas universidades, trazendo consigo novas expectativas e ideologias a respeito da formação universitária e dos projetos de vida relacionados ao fato de cursar o ensino superior (PETRONI; SOUZA; PEREIRA, 2012).

E assim, segundo Araújo e Gomes (2017), o ingresso na universidade caracteriza-se não só por ser um período de conquistas, mas um período de maior vulnerabilidade e desenvolvimento de sofrimento psíquico, uma vez que distancia o jovem do núcleo familiar e o insere em um contexto que requer novas posturas e responsabilidades. Dessa forma, os estudantes universitários ficam sujeitos a potentes estressores, tais como rede de apoio deficiente, sobrecarga de conhecimentos, dificuldade na administração do tempo, responsabilidade e expectativas sociais diante da vida acadêmica.

Com base na discussão das condições de permanência e desenvolvimento, e embasados na concepção de Vygotsky (2007), defende-se que é por meio das relações e das trocas com o outro que o ser humano se constrói e é de acordo com a qualidade dessas relações interpessoais que o que corre o desenvolvimento afetivo. Por isso é fundamental que as relações interpessoais sejam positivas, de modo a promover o desenvolvimento e a motivação na realização das atividades no cotidiano.

Silva e Tuleski (2015), pontuam que se as relações sociais são constitutivas da formação psicológica saudável ou patológica, faz-se de

fundamental importância a superação da tendência em culpabilizar o sujeito pelo sofrimento psíquico, reconhecendo as formas materiais de vida e as condições objetivas e/ou subjetivas responsáveis pelo desenvolvimento humano saudável ou patológico.

De acordo com a perspectiva Histórico-Cultural, segundo Moraes (2009), incidir sobre o sofrimento psíquico consiste em desenvolver estratégias que promovam a compreensão dos processos que produzem a alienação, de forma que o sujeito comece a reconhecer as suas determinações, o motivo de suas ações e pensamentos, além das suas consequências reais para si mesmo e para os outros. Essa postura crítica permite a identificação de vontades e potencialidades, contribuindo para que o mapeamento dos impasses e dificuldades e construção de alternativas de superação dessa condição.

Com base nos postulados da Psicologia Histórico Cultural, mais precisamente, os estudos de Vygostky, este estudo, parte da premissa de que a Educação Superior, não contempla efetivamente o desenvolvimento afetivo e relacional dos acadêmicos, ao desconsiderar que os contextos universitários, são atravessados por demandas não só objetivas, mas fundamentalmente subjetivas para a constituição do desenvolvimento humano na vida adulta e visa analisar as demandas para a Psicologia Escolar para a promoção de saúde na universidade e combate à evasão.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O relato de experiência se baseia no desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção, desenvolvida a partir dos postulados da Epistemologia Qualitativa e desenvolvida no interior de uma Universidade Federal Sul Mineira,

Para tanto, foram convidados para participação da pesquisa os discentes de graduação, por meio de e-mail, e o público-alvo da pesquisa foi de doze discentes, dos cursos de Física Licenciatura, Letras Licenciatura, Biomedicina, Medicina, Odontologia, História, Ciências Biológicas, cursando entre o 1º e 8º períodos.

A realização da pesquisa se deu por meio de grupos de discussão, onde foram realizados sete encontros semanais de discussões, ao longo do segundo semestre de 2018, com o objetivo de desvelamento das condições e constituições da vivência universitária.

Diante dessa discussão, foi necessário como recurso metodológico para a realização das intervenções a utilização de diferentes materialidades mediadoras, dentre as quais se destacam, os poemas, fotos, figuras e pinturas que foram observadas, analisadas e debatidas de forma grupal e coletiva entre os acadêmicos. As intervenções objetivaram problematizar elementos de vivências acadêmicas que permeiam o desenvolvimento humano na vida adulta,

analisando questões que permeiam o sofrimento psíquico dos discentes na universidade.

Conhecer os discentes nos auxilia no processo de compreensão de suas falas e de suas vivências, torna possível o conhecimento das mediações que compõem os participantes enquanto sujeitos, para que o pesquisador consiga ir além da aparência, em busca da essência, do não dito, do sentido (AGUIAR; OZELLA, 2013).

A partir da organização das informações construídas ao longo dos encontros, foi possível definir alguns indicadores de análise, dentre os quais destacam-se: representação acadêmica; vinculação estudo e vida; perspectivas profissionais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O quadro abaixo (quadro 1), apresenta a resposta dos discentes em relação a um questionário sobre a vivência acadêmica e suas percepções a respeito dessa vivência. No quadro serão apresentadas respostas relacionadas à representação acadêmica, à vinculação estudo e vida e perspectivas profissionais.

REPRESENTAÇÃO ACADÊMICA	<p>Acredito que para os meus colegas de faculdade eu sou...</p> <ul style="list-style-type: none">- Alguém que não tem pressa para formar e “perde” o tempo com a extensão. Os meus amigos me apoiam e sou parte da “base” para superar qualquer dificuldade e comemorar as alegrias.- Muito esforçada que corre atrás dos objetivos.- Indiferente para alguns e querida por outros.
	<p>Para ser um discente com bons resultados é necessário...</p> <ul style="list-style-type: none">- Aos olhos da faculdade é ter boas notas, estar em vários projetos, publicar muito. Aos meus olhos é arquivar conhecimentos diversos, sem levar em consideração apenas o desempenho acadêmico.- Dedicar tempo para conseguir realizar todas as atividades propostas pela grade e buscar sempre participar de atividades para melhorar o currículo.- Ter foco, cronograma e uma busca contínua de conhecimento a tudo o que diz respeito à área de atuação.

VINCULAÇÃO ESTUDO E VIDA	<p>Escolhi estudar nessa Universidade porque...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Está localizada na minha cidade (residência), ser gratuita e referência no estado de Minas Gerais. - É federal e não tem que pagar mensalidade e por ser mais próxima de minha casa. <p>Foi a segunda opção que tive e resolvi arriscar.</p>
	<p>Acho a proposta pedagógica do meu curso...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em alguns momentos inadequada por não “ouvir” os discentes na sua elaboração, mas possui uma boa grade curricular e prepara bem para a atuação profissional. - Razoável. No início achava excelente, professores empenhados. Na atualidade não vejo tanto empenho nas propostas pedagógicas. <p>Excelente.</p>
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	<p>Escolha do curso...</p> <ul style="list-style-type: none"> -Tenho interesse por aviação e a física sempre esteve presente neste contexto e por perceber que há vários paradigmas/dificuldades para se ensinar e aprender Física. - Estou na área da educação e esse curso abre portas para melhores salários na área. - Era o com mais janelas dentro dos cursos da saúde na UNIFAL, pois achei que daria mais tempo para estudar para o ENEM. Eu desenvolvi depressão no cursinho e precisava fugir da pressão de morar em Itajubá.
	<p>Meu futuro profissional depende de minha formação pois...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tenho que ter responsabilidade com a minha prática profissional e qual o impacto das pessoas ao meu redor. - É o que minha família espera de mim, sou uma das únicas no ensino superior na família. - É com ela que terei a base e segurança para atuar na área que escolhi.

Quadro 1 – Indicadores e falas dos participantes

No que diz respeito ao indicador de representação acadêmica, as falas descritas apontam para a preocupação dos discentes em não estar atendendo ao esperado para sua formação, eles temem não conseguir estar cumprindo créditos, não estar realizando pesquisa em laboratório, se preocupam em não corresponderem às expectativas, uma vez que o ideário social é de que eles vão pra Universidade para estudar, para conseguir a inserção profissional.

Esse discurso é afirmado Valore e Selig (2010) como sendo decorrente da visão do perfil de profissional que se busca para o mercado de trabalho na atualidade, onde a perspectiva por um emprego estável tende ao declínio e busca por projetos de carreira mais autônomos tem se intensificado. O que cobra

do universo acadêmico, enquanto preparação para o mercado de trabalho, maior comprometimento, dedicação, competência no processo de formação.

Fica evidente a sensação de descontentamento com o ambiente acadêmico e o sentimento de tristeza ao não se sentir realizado no curso ou na Universidade, gerando ainda sentimentos de insatisfação, temor de não inserção no mercado de trabalho, desvalorização profissional e comportamentos de competitividade, entre os discentes, entre os cursos.

Segundo Dias (2009), a vivência universitária revela uma cultura do individualismo exacerbado e competitividade por melhores notas, melhores currículos, demonstrando uma interdependência entre características que devam estar presentes no contexto acadêmico e serem levadas para o campo de atuação profissional, caso se almeje inserção no mercado de trabalho. O jovem universitário então fica vulnerável ao mercado de trabalho que se encontra cada vez mais competitivo e excludente. Esse processo marca a vivência acadêmica e a subjetividade do discente.

A partir dos fragmentos dos relatos do indicador de vinculação estudo e vida, evidenciamos que os acadêmicos percebem em seu processo formativo, um excesso de conteúdo e a falta de didática, com preocupação de que esse excesso de conteúdo, interfira no aprendizado das disciplinas. Além da questão do conteúdo, percebe-se a necessidade do uso de metodologias diferenciadas e mais alinhadas com o perfil dos discentes.

Segundo Tenório *et al.* (2016), o ensino na universidade ainda traz consigo um estilo tradicional, que não estimula a busca ativa do conhecimento, uma vez que de acordo com estes autores, a percepção dos discentes é que as aulas ministradas pelos professores, não tem a participação do estudante em seu processo de aprendizado, existindo ainda uma ansiedade subjetiva devido a relação de afastamento percebida pelos discentes em relação aos docentes, gerando sentimentos de tensão, e limitações no processo de busca de conhecimento.

As falas apontam ainda para a compreensão do processo formativo somente por assimilação, sem reflexão e aponta ainda que tem a percepção de que os docentes não se preocupam com o aprendizado deles, mas somente com atender o cronograma proposto. O que se evidencia é que a formação acaba fragmentando o desenvolvimento do sujeito, por meio de uma lógica do desenvolvimento profissional, trata-se então de uma discussão do uso da técnica pela técnica em si e não pelo aprendizado.

De acordo com Andrade *et al.* (2014), a formação universitária reconhece a questão das demandas sociais e com isso constrói suas prerrogativas sobre condutas e habilidades a serem desenvolvidas com essa formação. Nesse contexto, a relação docente-discente, a qualidade do ensino, a fragmentação do saber, a metodologia de ensino-aprendizagem, a estrutura curricular são

fatores que pedem uma revisão para uma prática mais integrada, não realizada de forma fragmentada

No que diz respeito às perspectivas profissionais, os relatos apontam um medo e incerteza do futuro, o que interfere nas vivências acadêmicas, com a presença do medo do enfrentamento decorrente do sentimento de fracasso, medo do julgamento quanto aos resultados obtidos nas disciplinas, quanto à sua formação e insegurança quanto ao tipo de profissional que eles vão se tornar.

Matos (2013) enfatiza que a entrada na Universidade não deve ser analisada isoladamente, devendo ser discutidas em seus aspectos econômicos, históricos, culturais, vez que, a sociedade volta-se para o sujeito com expectativas a respeito do êxito acadêmico e esse sujeito internaliza essa expectativa. Dessa forma, no processo de formação universitária, esse aprender ganha um novo significado, por requerer novas responsabilidades, por abranger aspectos como a escolha de uma carreira, estabelecimentos de novos compromissos e responsabilidades.

Assim sendo, observa-se no discurso apresentado que a Universidade se apresenta enquanto um lócus de desenvolvimento na vida adulta e, para além da formação para o mercado de trabalho, constitui-se enquanto um espaço de construção de competências para o ingresso na vida adulta e profissional ao favorecer por meio da formação, um espaço de autonomia e independência.

Segundo Silva *et al.* (2015), o período de vivência universitária implica do desenvolvimento de maturidade psicoafetiva e consolidação de novos papéis para o desenvolvimento de uma identidade pessoal e profissional. O espaço universitário é o lugar de desenvolvimento psicossocial, sendo palco de muitos conflitos, e para isso, as universidades devem se preparar para ajudar com esse processo não ocorra de forma que seja permeada por sentimentos de solidão, isolamento, sentimento de não ser visto, percebido.

Esse processo de formação discente se propõe a focar mais na pessoa e menos na instrumentalização técnica do sujeito, focando mais a dimensão social e emocional, na totalidade da pessoa humana e menos na dimensão intelectual e cognitiva. A ênfase técnico-científica, produz um discurso desumanizado, trazendo como resultado, o sentimento de isolamento, de falta de identidade, se traduzindo na formação de profissionais emocionalmente despreparados para lidar com o outro, e afetivamente desconectados com a dimensão biopsicossocial e espiritual de todo o fenômeno humano (SOUZA, LEMKUHL, BASTOS, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência indica um campo importante de atuação da Psicologia Escolar no contexto do Ensino Superior, na busca de construir esforços e estratégias adequadas para promoção de saúde e desenvolvimento

discente, coma proposta de melhorar condições de permanência e redução da evasão. No entanto, evidenciamos que se faz necessária, a problematização de elementos institucionais, curriculares, e, sobretudo relacionais vivenciados pelos discentes e docentes para a realização de uma análise das questões que permeiam a educação superior frente à evidência do sofrimento psíquico do aluno e contribuem de forma direta ou indireta para a evasão escolar.

Entendemos que são várias as formas de enfrentamento do fenômeno do adoecimento no contexto universitário, no entanto, as possibilidades de impactos positivos das propostas parecem todas alinhadas a um debate institucional, que se distancie das leituras individualizantes atualmente ainda presentes, e que fortalecem a penalização dos sujeitos em situação de sofrimento.

Para tanto, entendemos que a melhoria nas relações interpessoais, entre pares e na relação com os professores, promovida por espaços de diálogo e de troca, permite o desenvolvimento global dos estudantes, contribuindo para minimizar o sofrimento psíquico. Sendo fundamental que as Universidades disponham de espaços de acolhimento e escuta, por meio de serviços e programas de saúde mental e Psicologia Escolar, comprometida com os pressupostos do desenvolvimento humano na vida adulta, a partir das análises coletivas dos modos de vida.

Por fim, consideramos que qualquer forma de enfrentamento do sofrimento psíquico no contexto universitário demanda uma ação política e institucional, para além da identificação, apoio e acolhimento do adoecimento, mas sim com enfoque as ações no contexto universitário à promoção de saúde, a partir das mais diversificadas atividades, como esporte, lazer cultura, entre outros, dentre as quais a Psicologia Escolar se fundamenta como um campo de interface central às discussões.

REFERENCIAS

Aguiar, W.M.J., Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322.

Andrade, J.B.C. Sampaio, J.J.C., Farias, L.M., Melo, L.P., Sousa, D.P., Mendonça, A.L.B., Moura Filho, F.F.A., & Cidrão, I.S.M. (2014). Contexto de formação e sofrimento psíquico de estudantes de medicina. Rev. Bras. Educ. Med., Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 231-242.

Araújo, C.L., Gomes, C.(2017). Educação Universitária e Saúde Mental: problematizando questões. In: I Simpósio de Educação: articulando a graduação e a pós-graduação na produção do conhecimento, 2017, Alfenas. Anais... Alfenas: UNIFAL, 2017.

Cunha, L.C.V., Silva, A.R., Plantullo, V.L., Paiva, D.L. (2014). Políticas públicas de incentivo à educação superior brasileira: acesso, expansão e equidade. *Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*, v. 4, n. 4.

Dias, M.S.L. (2009). Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida dos formandos. 2009. Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Matos, N.A. (2013). Conhecendo o sofrimento psíquico dos universitários da Faculdade de Ceilândia. 2013. 70 f. Monografia (Bacharelado em Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília: Brasília.

Moraes, R.J.S. (2009). Trabalho alienado e adoecimento psíquico da classe trabalhadora: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural. 2009. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade Federal do Paraná: Curitiba.

Oliveira, E. (2016). Evasão universitária no Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Alfenas, Varginha, MG.

Petroni, A.P., Souza, V.L.T., Pereira, A.M.S. (2012). Promoção de ambientes saudáveis na formação superior: uma revisão crítica. In: II Congresso Nacional RESAPES-AP: Apoio Psicológico no Ensino Superior: olhar para o futuro, 2012, p. 216-226.

Santos, A.L.S., Gimenez, D.M. (2015). Os jovens e o mercado de trabalho: evolução e desafios da política de emprego no Brasil. *Estudos Avançados*, Campinas, v. 29, n. 85, p. 153-168.

Santos Júnior, J.S., Real, G.C.M. (2017). A evasão na educação superior: o estado da arte das pesquisas no Brasil a partir de 1990. *Avaliação* (Campinas), Sorocaba, v. 22, n. 2, p. 385-402.

Silva, M.A. S., Tuleski, S.C. (2015). Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 20, n. 4, p. 207-216.

Souza, M.V.C., Lemkuhl, I., Bastos, J.L. (2015). Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev. Bras. Epidemiol.*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 525-537.

Tenório, L.P., Argolo, V.A., Sá, H.P., Melo, E.V. & Costa, E.F.O. (2016). Saúde Mental de Estudantes de Escolas Médicas com Diferentes Modelos de Ensino. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 574-582.

Valore, L.A., Selig, G. A.(2010). Inserção profissional de recém-graduados em tempos de inseguranças e incertezas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 390-404.

Vygotsky, L.S. (2007). A Formação Social da Mente. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes.